

INCIDÊNCIA DE ALCOOLISMO NOS PROFISSIONAIS DE SEGURANÇA PÚBLICA DO 5º BATALHÃO DA POLÍCIA MILITAR NO MUNICÍPIO DE LONDRINA

DAVID ROBERTO DO CARMO;
WALTER JOÃO MARQUES LUIZ;
MARCOS GINOTTI PIRES

Universidade Estadual de Londrina. Londrina – Paraná – Brasil.
davidrcarmo@hotmail.com; tenetewalter@ig.com.br; ginotti@sercomtel.com.br;

O uso de bebidas alcoólicas é tão antigo quanto à própria humanidade. Jamais saberemos a época precisa em que o homem entrou em contato com a bebida alcoólica, apenas que ela é a droga mais antiga usada na humanidade e a única comum a todas as civilizações. O beber moderado e esporadicamente faz parte dos hábitos de diversas sociedades. A ingestão de bebidas alcoólicas está ligada a comemorações, festas, hábitos alimentares e cultura de quase todos os povos, e em todas as épocas.

Não se sabe precisamente há quanto tempo o homem faz uso de bebidas alcoólicas. Tem achados arqueológico que registram o seu uso há mais de oito mil anos antes de Cristo. (FICHMAN, 1998).

Durante muitos séculos o homem utilizou-se apenas de bebidas alcoólicas fermentadas. Mas, a partir da Revolução Industrial inglesa ocorrida no final do século XVIII passou-se a produzir o álcool não mais de forma artesanal, mas industrial e em grandes quantidades, facilitando o acesso ao produto por um maior número de pessoas e a um custo muito mais baixo. Além disso, com advento do processo de destilação surgiram novos tipos de bebidas alcoólicas com maior teor alcoólico. A partir daí, médicos começaram a observar várias complicações físicas e mentais em indivíduos que faziam uso excessivo de bebidas alcoólicas (FLIGIE; BORDIN; LARANJEIRA, 2004).

Hoje cerca de 2 bilhões de pessoas no mundo fazem uso de algum tipo de bebida alcoólica (UNODC, 2008). O alcoolismo tornou-se um problema de saúde pública nos países desenvolvidos, sendo na atualidade a terceira causa de morte, perdendo apenas para o câncer e as doenças cardíacas (Prado, 1999). O álcool tem trazido também graves consequências sociais como: alto nível de violência interpessoal, homicídios, comportamento sexual de risco, uso inconstante de preservativos com conseqüente aumento da incidência de DST/AIDS e aumento do número de acidentes com veículos automotores, resultando em aumento de vidas perdidas (UNODC, 2007).

No Brasil o consumo de bebida alcoólica entre a população compreendida de 12 a 65 anos é de 74,6% que fazem uso na vida, enquanto para dependência é de 12,3% dessa população (CARLINI, et al, 2007)

O alcoolismo não é um problema distante do policial-militar, pois além de cidadão e participante ativo da sociedade, sofre ainda das influências decorridas da dinâmica da profissão que é altamente estressante. A convivência com a tensão permanente, decorrente do risco de morte, do envolvimento diário com situações traumáticas, exigências de cumprimento de prazos escassos, entre outras, atinge os policial-militares podendo levar vários deles a se tornarem alcoolistas, trazendo um grave problema para si, família e corporação.

Como o policial-militar tem sua função maior que é a manutenção da segurança da população, tem-se cobrado da corporação que este servidor tenha uma postura ilibada e sem vícios. Entretanto, o alcoolismo é uma dependência que acontece cerca de 10% da população adulta no mundo, independente de sexo, idade, cor, religião, poder sócio-econômico, grau de instrução e tipo de atividade laborativa (DSM-IV, 2003). Desse modo, pode-se encontrar o mesmo percentual de alcoolismo entre os agentes de segurança pública.

OBJETIVO

Verificar o padrão de consumo de bebidas alcoólicas nos policial-militares do 5º Batalhão da Polícia Militar do município de Londrina.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza quantitativa do tipo descritiva, onde se busca descrever e analisar o fenômeno de uso de bebida alcoólica entre os policiais militares. Foi realizada no 5º Batalhão da Polícia Militar sediado na cidade de Londrina – Paraná, com 263 militares incluindo desde o comandante até o soldado mais novo da unidade de um contingente de 408 militares, correspondendo a 64,5%. Usamos critérios de exclusão dos sujeitos que compõem a população como o de não estarem atuando no Batalhão no período da coleta de dados, devido a férias, licença (saúde ou especial), em cursos de aperfeiçoamento na Academia de Polícia Militar em Curitiba – PR.

A pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética da Corporação Militar, em conformidade com a Resolução 196/96.

O instrumento usado foi o AUDIT (The Alcohol Use Disorders Identification Test), através da versão auto-aplicável, onde se dá informações sobre o objetivo do teste, o que é considerado dose padrão e a solicitação para que marque a alternativa com maior sinceridade. O AUDIT mostra um consumo de álcool através da pontuação que vai de 0 a 7 – consumo de baixo risco; de 8 a 15 – uso de risco; de 16 a 19 – uso nocivo e de 20 ou mais – provável dependência.

A coleta de dados foi realizada no período compreendido entre os meses de dezembro de 2008 a março de 2009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em pesquisa realizada por Babor et al (1989) em vários países onde se aplicou o AUDIT, verificou-se que em torno de 75% das pessoas estavam com uma pontuação entre 0 a 7 pontos, representando um consumo de baixo risco e abstêmios; 20% estavam entre 8 a 19 pontos representando um consumo de alto risco (uso de risco e nocivo) e apenas 5% estava com 20 pontos ou mais, mostrando uma provável dependência.

Tabela 1 – Consumo de álcool entre policial-militares.

Faixa de risco	n	%
Baixo risco	220	83,65
Uso de risco	23	8,74
Uso nocivo	6	2,28
Prováveis dependências	14	5,32
TOTAL	263	100,0

No presente estudo verifica-se que de 0 a 7 pontos o percentual foi de 83,65% um pouco acima do encontrado em outras aplicações do instrumento. Para a faixa de 8 a 15 e de 16 a 19 foram respectivamente 8,74% e 2,28% (11,02), bem abaixo dos 20% encontrado em outros países, e para a pontuação de 20 ou mais o percentual foi de 5,32%, semelhante a encontrada por Babor et al (1989).

Os dados revelam que para os 83,65% que pontuaram na faixa de baixo risco, há necessidade serem educados para os problemas que poderá ocorrer se a ingesta alcoólica vier a se tornar nociva, visto que há uma forte propaganda na mídia mostrando os benefícios de se beber.

Para os 8,74% que estão na faixa de uso de risco deverão receber orientações básicas através de estratégias de diagnóstico e intervenções breves (EDIB), pois podem estar correndo risco de aparecimento de condições crônicas de saúde devido ao uso regular de álcool, além de outras ocorrências como ferimentos, violência, problemas legais, baixo desempenho no trabalho, ou problemas sociais devido aos episódios de intoxicação aguda.

Para os 2,8% que estão na faixa de uso nocivo já podem estar tendo os seguintes danos: problemas físicos ou psíquicos em decorrência deste uso pesado de álcool ou já experienciaram ferimentos por acidentes (por veículos automotores, doméstico ou outros), violência (doméstica ou no trabalho), problemas legais (dirigir ou trabalhar embriagado), baixo desempenho no trabalho e problemas sociais. Deverão ser orientados quanto a relação do seu consumo abusivo e as conseqüências que o mesmo tem trazido na sua vida, além de dizer que se não conseguir diminuir a ingesta alcoólica sozinho, há recursos que poderá ajudá-lo.

Para os 5,32% que estão na faixa de provável dependência deverão ser orientados a buscar recurso terapêutico disponível na corporação ou outros serviços, visando um diagnóstico mais preciso e um tratamento mais adequado a cada caso, sempre deixando claro que o objetivo desta intervenção não é exigir que as pessoas parem de ingerir bebida alcoólica e sim buscar juntos uma melhor qualidade de vida.

Tabela 2 – Atuação do policial-militar

Desempenho de papéis	n	%
Conseguir desempenhar todos os papéis esperados	232	88
Não conseguir desempenhar	32	12
TOTAL	263	100,0

Pela tabela 2 observa-se que 88% dos policiais nunca deixaram de fazer o que era esperado deles por causa da bebida alcoólica. Para 12% já tem acontecido de não conseguirem fazer o que deles era esperado como na família, no emprego ou na sociedade, o que torna preocupante ainda mais sendo um agente de segurança que deveria dar o exemplo de uma vida ilibada.

Tabela 3 – Parar de beber por sugestão de parente, amigo ou médico

Foi alertado	n	%
Não	227	86,3
Sim	36	13,7
TOTAL	263	100,0

Pela tabela 3 verifica-se que 86,3% dos policiais jamais algum parente, amigo ou médico falou sobre seu modo de beber e sugeriu que parasse. Para 13,7% este alerta já foi dado, o que leva a se pensar que há um número de policiais mesmo que pequeno, necessitando de ajuda para que possa desempenhar bem suas funções na corporação, família e sociedade.

CONCLUSÃO

Por ser primeira pesquisa do gênero em uma corporação de segurança pública no Estado do Paraná, seus dados revelam que é necessário que o Comando da Polícia Militar do Paraná tenha outro olhar para o problema do uso abusivo de bebida alcoólica entre os policiais do seu quadro. Assim, faz-se necessário que a Polícia Militar busque parcerias com Instituições de Ensino Superior do Estado para que sejam realizadas novas pesquisas através da aplicação do AUDIT em outros Batalhões ou Companhias isoladas da Polícia Militar, bem como essas instituições possam desenvolver ações de prevenção e tratamento do alcoolismo aos policiais do 5º Batalhão como em outras guarnições do Estado. A sociedade espera que os policiais militares sejam pessoas sadias e ilibadas, e que tenham como propósito o de servir bem a comunidade. Outro fator é que estes milicianos estão expostos a riscos como confronto com marginais, por isso há necessidade de estarem psicobiologicamente bem, para desempenhar suas funções, sem incorrer em erros principalmente tendo uma arma na mão.

Palavras Chave: Alcoolismo; Padrão de Consumo; Policial-Militares.

REFERÊNCIAS

- BABOR, T. et al. AUDIT – The Alcohol use Disorders Identification. Teste. **Rev. OMS**, Genebra, 1989.
- CARLINI, E. A. et al. **II Levantamento Domiciliar sobre o uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país – 2005**. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Departamento de Psicobiologia. UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo, 2007.
- FIGLIE, N.B; BORDIN, S.; LARANJEIRA, R. **Aconselhamento em Dependências Químicas**. São Paulo: Roca, 2004.
- FISHMAN, M. **Health: life and medicine**. 7.ed. London: Stuttman, 1989.
- MANUAL DE DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICA DE DISTÚRBIOS MENTAIS (DSM-IV-TR). Porto Alegre: Artmed, 2003.
- PRADO, A.A. **Doenças que matam**. Belo Horizonte, 1999.
- UNODC – United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention. **World Drug Report**, 2007.
- UNODC – United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention. **Word Drug Report**, 2008.

DAVID ROBERTO DO CARMO
Rua Gregório Cherbaty, 90 – Jd. Araxá
CEP. 86061-140 – Londrina – PR.
Fone: (43) 3304-2998
e-mail: davircarmo@hotmail.com